G 12 no Brasil

o que é a igreja em celulas no modelo dos doze

ARTE EDITORIAL

São Paulo / 2004

G12 NO BRASIL

O que é a **igreja em células** no modelo dos doze

Magno Paganelli

Arte Editorial

Copyright © 2000 por Magno Paganelli.
Revisão: Onélia de Lima Salum Andrade
Projeto gráfico: Magno Paganelli
2ª Edição: junho 2004, pelo sistema de
Impressão por Demanda da Imagem Digital.

Publicado no Brasil por Arte Editorial



Distribuído por:
EDITORA E DISTRIBUIDORA CANDEIA
Rua Domingas Galleteri Blotta, 148
CEP 04455-330 - São Paulo – SP
compras@candeia.com.br
Fone (11) 5612-77899

Todos os direitos reservados na língua
portuguesa por Arte Editorial
Rua Tiro ao Pombo, 402 / 2983 - Freguesia do Ó
02844-060 - São Paulo - SP
editora@arteeditorial.com.br

SUMÁRIO

Uma Palavra 7

Apresentação 9

Introdução 13

Capítulo 1º 21
O que é a Igreja em Células no Modelo dos Doze?
A estrutura da Igreja em Células do Modelo dos Doze 23
Consolidação 25
Verificação 26
Pré-encontro 27
Encontro 28
Pós-encontro 29
Escola de Líderes 30

Capítulo 2º 33
Antecedentes bíblicos
A Igreja no Brasil 37
Há vantagens em cultos nos lares? 38
A Igreja cresce nos lares 40
Que problemas há em cultos nos lares? 42

Capítulo 3º 45
Problemas brasileiros com o G12
Ênfase exagerada no modelo 46
O misticismo em torno do G12 48

Proselitismo 49
Ministração x Experiência 51
Manual proibido e reuniões reservadas para a cúpula 54
Heresias e controle da mente 57
Cura Interior 59
Quebra de Maldições 58

Conclusão 73
Bibliografia. 77

UMA PALAVRA

Passaram 4 anos da primeira edição deste livro. Na ocasião lembro-me da febre que foi o surgimento do movimento que veio a ficar conhecido como G12. Revistas, jornais, *sites* inúmeros, todos só falavam no assunto.

Algumas igrejas e dividiram e deram origem a uma célula, que se tornou em outra igreja. Umas estão aí até o dia de hoje, não todas.

Quando alguns pastores de nossa igreja pediram-me que preparasse um material que esclarecesse sobre o assunto, recordo-me que não havia ainda um ano em que o movimento surgira no Brasil. Nem mesmo havia participantes com tempo suficiente para formar a escola de Mestres.

Hoje olhamos para trás e a ventania passou. O que tinha de ficar, ficou. Os próprios líderes responsáveis pela importação do modelo em células organizaram-se, produziram literatura própria e é possível ter o modelo com uma "cara nacional". Digo isso porque quando alguns pastores viajaram para a Colômbia a fim de constatarem o que estava ocorrendo na igreja de César

Castellanos, viram um modelo implantado e funcionando. Mas, ao implantarem o modelo no Brasil, cada qual adaptava segundo bem entendia, conforme a própria visão regional ou mesmo cultural em que sua igreja estava inserida.

Com isso, cada região do país que, diga-se de passagem, não é pequeno, incrementou o seu culto a bel prazer, com práticas tais que causaram estranheza aos mais moderados.

Portanto, fica claro que este livro foi escrito no calor da polêmica. Nunca perdi, no entanto, o senso de dever, procurando ouvir ambos os lados da questão e apresentando os fatos de forma honesta e responsável. Minha posição a respeito do assunto fica clara ao terminar a leitura do livro. Mesmo assim os fatos estão relatados com provas que o tempo preservou e a leitura é proveitosa.

Fico bastante grato a Deus por contribuir com a edificação do Corpo de Cristo, num momento tão crucial da igreja brasileira, por meio do talento que recebi.

Aproveito para dedicar esta obra à todos aqueles irmãos que foram atingidos por um falso ensino, e afastaram-se da Verdade. Que a graça do Criador alcance um por um, trazendo-os de volta ao lar do Pai. Essa é a oração que sempre faço.

APRESENTAÇÃO

Que bom é poder apresentar ao meu público um livro em uma hora tão delicada de nossa jornada espiritual. Desta vez, devido à polêmica que se instalou sobre o assunto, alguns amigos pediram que eu preparasse uma obra esclarecendo, orientando os membros das igrejas sobre as questões que envolvem o movimento mais recente entre os evangélicos, que parece ter apanhado a muitos de surpresa.

Tal surpresa, no entanto, se deve ao fato de irmãos – mesmo os líderes - se verem envolvidos naquilo que se convencionou chamar "encontro" ou "encontrão" e, de repente, esse "encontro" ser taxado como a mais nova onda herética no arraial evangélico brasileiro.

Mas o que fazer, se parece haver uma pressão por parte da membresia para que seja adotada a visão do G12, e uma cobrança feita pela liderança pedindo a atenção redobrada sobre as práticas que envolvem o movimento?

Que é, na verdade, a Igreja em Células no Modelo dos Doze? Que tipos de heresias há em seus ensinos, em sua prática? Que base bíblica adotam os líderes desse movimento? A visão é para todos? É esse o último movimento do Espírito Santo na Terra, antes do arrebatamento?

Essas são apenas algumas das perguntas que podem ser formuladas em torno do assunto. O leitor pode trazer muitas outras consigo. E meu sincero esforço será feito no sentido de apresentar-lhe um texto claro, objetivo e, principalmente, imparcial sobre a Igreja em Células no Modelo dos Doze, o G12.

Para isso, ouvi ambos os lados. Ouvi pessoas, fiz contatos com quem promoveu o encontro e com quem participou dele. Também li todo o material possível sobre o assunto, tanto o material impresso por jornais e convenções denominacionais, quando o material que foi veiculado na Internet, em sites daqueles que adotaram a visão e daqueles que a rejeitaram.

Alguém me perguntou: - Mas você participou de um desses encontros? Não participei e explico o porquê. Cada denominação adotou um conjunto de práticas ao introduzir a visão do G12 e o encontro. Assim, enquanto uma denominação pratica certa ação, outra denominação pode abominar a mesma ação ao implantar o modelo entre seus membros.

Se tivesse que participar de um encontro, aí sim, minha abordagem seria parcial, uma vez que um encontro não revela o que acontece em todos eles. Mas, como já disse, tomei o extremo cuidado em ouvir e ler material produzido por ambas as partes.

Estou bem seguro daquilo que escrevi. Por isso, também, quero informar ao leitor que, por não pertencer a nenhuma convenção específica, por não estar ligado a nenhum conselho de

pastores, por não ter nenhum vínculo com entidades promotoras desse movimento nem com aqueles que o condenam, por não pertencer à equipe de nenhum grande pregador do evangelho nem receber dinheiro de alguma editora para produzir esta obra, minha atenção estará voltada às verdades bíblicas e ao que elas apregoam, entendendo que a "parcialidade" da Bíblia é em favor do Senhor Jesus e da salvação daqueles que nele crêem.

Sou um dos Pastores da Assembléia de Deus, Ministério do Bom Retiro, igreja presidida pelo pastor Jabes Guedes Alencar. Tenho trânsito livre em todas as denominações, sejam elas pentecostais, neopentecostais ou tradicionais. Participo de eventos, no Brasil e fora dele, como preletor oficial, escrevo para websites, jornais e revistas de cinco países e, graças a Deus, meu Ministério tem atravessado já uma década sem macular-se.

Assim, guardado e protegido pelo Espírito do Criador, quero convidá-lo a compartilhar comigo desse breve estudo, que, com certeza, será bastante útil para tirar suas dúvidas e ajudá-lo a posicionar-se melhor diante de toda essa confusão que se instalou.

Que a leitura deste livro o ajude a entender o assunto e discernir entre o que é e o que não é edificante para a nossa vida e jornada espirituais!

Magno Paganelli

INTRODUÇÃO

O surgimento de novos modelos e práticas dentro de uma sociedade ou sistema tradicional não é recente. Seja esse sistema social, político ou econômico, seja ele religioso, alguém sempre terá novas idéias, proporá novas metas, novos rumos. É fundamental que isso aconteça, é acontecimento vital!

Precisamos disso, pois a agitação natural que acontece em torno dessa novidade que surge é saudável. Ela,a novidade, desperta os distraídos, promove debates, discussões e, porque a verdade bíblica sempre prevalece, a vitória vai parar nas mãos do povo de Deus, salvo quando os distraídos continuam distraídos, quando os mornos continuam mornos.

No final de contas, a certeza e a convicção daqueles que estavam no caminho certo é fortalecida e sua autoridade, confirmada. Os hereges também aparecem no final, sendo desmascarados e perdendo o crédito perante o povo.

Acontece que, quando se trata de religião, e, ainda mais no caso do cristianismo evangélico, do protestantismo, há uma preo-

cupação constante e natural com a preservação da doutrina até então aplicada e adotada.

Talvez essa preocupação se deva ao fato do próprio protestantismo ter nascido de uma "rebelião". Graças a Deus pela rebelião santa promovida por Wesley, Lutero e tantos outros!

Aquele movimento estranho, que apontava erros doutrinários da Igreja Católica Romana e anunciava a salvação por outros métodos que não eram os comumente usados, foi combatido veementemente pelo papado e por padres conservadores.

Martinho Lutero, um dos pilares do movimento da Reforma, esteve escondido num castelo, no meio de uma floresta, de onde enviava folhetos contendo "suas mais recentes descobertas" no campo teológico.

É verdade que Lutero não fez todo o serviço na reforma; nem foi o único a promovê-la. Diz a história que ele ainda deixou "coisas por fazer", as quais foram acertadas com o passar dos anos. Hoje, temos um contexto teológico equilibrado e vivemos em paz com a nossa fé.

A distinção entre o correto e o errado, entre o bíblico e o herético, apareceu e ficou bem clara diante de todos.

Todavia, vez ou outra, surgem os "fogos estranhos", e deixam a todos inquietos. Nesses momentos, sempre nos lembramos do conselho de Gamaliel que disse: "E agora digo-vos: Dai de mão a estes homens, e deixai-os, porque, se este conselho ou esta obra é de homens, se desfará, mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la; para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus" (At 5.38 e 39).

Não é por isso que vamos deixar as coisas acontecerem e nos calar. A mesma Bíblia que cita Gamaliel manda-nos fazer a defe-

sa de nossa fé combatendo ensinos heréticos, e alertando os irmãos sobre os falsos ventos de doutrinas e os enganos que surgem em nosso meio.

Assim, vejo o surgimento de uma igreja chamada Igreja em Célula no Modelo dos Doze, o G12 ou, ainda, como ficou conhecida, o Encontro. Que barulho, de repente, em torno disso! Uma onda de notas e artigos em jornais e revistas, um gritando na TV contra o G12, outro o defendendo-o. Enfim, sempre há aqueles que querem se promover em cima disso. E também há aqueles que querem saber a verdade, pois, sendo novos na fé, desejam agradar ao seu Criador.

Que fazer o incauto se aqueles que se dão ao trabalho de atacarem o G12 apenas dizem ser ele uma heresia, mas não mostram seus erros doutrinários fundamentais? E que fazem os demais se aqueles que participam do Encontro só parecem ter aprendido a falar que o tal "é tremendo"?

Quem é tremendo, Deus ou o encontro? Nosso alvo é Deus, e que Ele é tremendo, o é desde a Antigüidade, desde o Antigo Testamento; não é uma novidade ser Ele um Deus tremendo e, por isso, não há por que fazer tanto estardalhaço. Não precisamos nos reunir por três ou quatro dias, pagando uma taxa, para descobrirmos isso! Basta ler na Bíblia: "Porque grande é o Senhor, e muito para louvar, e mais tremendo é do que todos os deuses" (1Cr 16.25).

Neste último século, muitas dessas "novidades" infestaram o corpo da Igreja. No entanto, ela atravessou esses anos difíceis e, principalmente no Brasil, cresceu como em nenhum outro país. Algumas denominações adotaram características do povo, adaptaram seu culto, sua liturgia, a fim de atraírem a população à sua volta, e até certo ponto, não há nada de errado nisso.

A mensagem do evangelho é uma das mensagens mais simples que conheço. Complicá-la é ir contra o princípio demonstrado nas Escrituras. E pior: usar meios que a contrariam é uma ofensa ao Deus anunciado pelas mesmas Escrituras.

Podemos, é evidente, nos fazer de brasileiros para ganhar os brasileiros. Podemos adaptar nossa linguagem para fazer-nos entendidos. É necessário que isso seja feito, e estou certo que devemos banir o "evangeliquês" do nosso vocabulário. Só nós mesmos entendemos alguns termos usados nas igrejas. Precisamos permitir – e essa é a palavra mais correta – permitir, que as pessoas de fora entendam o motivo pelo qual estamos ali, na igreja, seguindo a Cristo tão de perto e querendo aproximarmo-nos ainda mais Dele.

"Você precisa abrir o coração e renunciar a pactos e maldições, quebrar vínculos com o passado, fazer uma campanha de libertação, se possível no monte, e o inimigo será derrotado na sua vida".

Que significa isso? Renunciar a pactos?! Quebrar vínculos?! Inimigo, que inimigo? Quem é ele? Monte de quê? Só nós, cristãos, entendemos isso. Conheço pessoas que afogam aquelas a quem evangelizam com termos como esses. Receio que precisemos rever nossos termos. Precisamos ajudar as pessoas a entrarem no Reino, e não impedi-las de participarem das bênçãos que temos desfrutado:

> "*Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que fechais aos homens o reino dos céus, e nem vós entrais nem deixais entrar aos que estão entrando*" (Mt 23.13).

Mas dizer que precisamos adaptar nossos meios ou métodos de liturgia e serviço para termos uma evangelização mais eficien-

te não significa dizer que devamos adotar meios e métodos que estão fora do contexto cristão.

Elimas, um mágico dos tempos bíblicos do Novo Testamento, quis comprar o poder de batizar no Espírito Santo, oferecendo dinheiro aos apóstolos. Certamente queria aquele poder para usar em seus encantamentos e, assim, manter o domínio sobre seus seguidores.

O cristianismo, porém, não vindica a adaptação de Deus aos nossos padrões. É uma ação bilateral; Deus fez a Sua parte e, ainda hoje, pelo Seu Espírito Santo, age entre os homens. De nosso lado, devemos apresentar-lhe nossa fé e demonstrar interesse na mudança de comportamento, na metanóia, a mudança na maneira de pensar.

Quando conseguimos isso, passamos a pensar como Cristo pensa; buscamos a mente de Cristo (1Co 2.16). É só assim que podemos experimentar a vontade de Deus na nossa experiência cristã, espiritual:

> "*Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus*" (Rm 12.1 e 2).

Paulo diz que devemos ser transformados pela renovação do nosso entendimento. Então a renovação deve acontecer segundo a própria Palavra de Deus? Esse é o caminho para a experi-

mentação daquilo que ele chama boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Não é isso o que todos nós buscamos?

Mas, em que consiste essa transformação pela renovação do nosso entendimento? É abandonar tudo o que era utilizado até então? É desconsiderar todo um trabalho feito por valentes obreiros? É considerar-se a mais recente obra de Deus sobre avivamento espiritual?

Renovar o guarda-roupas, por exemplo, não é jogar fora as velhas roupas e colocar ferramentas, ou mantimento dentro do guarda-roupas. Renovar o guarda-roupas é tirar as roupas velhas e colocar roupas novas. Seguindo essa analogia, a transformação pela renovação, pela qual todo cristão deve passar, é facilmente entendida.

O cristão não pode mais pensar, querer e desejar coisas? Sim, mas deve pensar coisas novas e melhores, querer coisas novas e melhores e desejar coisas novas e melhores. Ninguém deve, para tornar-se cristão, deixar de ter suas próprias opiniões; no entanto, suas opiniões serão baseadas no que dizem as Escrituras sobre determinado assunto.

Essa busca faz parte do nosso amadurecimento espiritual. Por nossa vida espiritual ser ativa, dinâmica, a busca de novidades que poderão ser aplicadas na liturgia ou na vivência sempre acontecerá.

O que diferencia a nós, cristãos, das demais pessoas religiosas, e principalmente de religiões sem um fundamento seguro, é a que nelas se encontra a busca de "caminhos" diferentes. Hoje a "onda" é isso, amanhã será aquilo. Nós não. Temos um caminho a trilhar e os atalhos não nos interessam

> "*Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim*" (Jo 14.6).

Assim, vamos percorrer cada um dos ensinos e práticas que foram embutidas na visão do G12, e, com muita oração, receber a revelação de Deus sobre o que está acontecendo em nossas igrejas, se este é um caminho, um atalho ou O caminho.

1

O QUE É A IGREJA EM CÉLULAS NO MODELO DOS DOZE?

Alguns nomes têm sido usados para referir-se à Igreja em Células no Modelo dos Doze. G12 é o mais comum, mas ainda há outros termos, como "Encontro", "Encontrão", "A Visão", e o mais antigo que, segundo os líderes do movimento, não trata especificamente do mesmo modelo, é Grupos Familiares.

Há, hoje, em vários países no mundo, um certo número de variações desse mesmo movimento. Mas não me interessa apresentar a história desses movimentos; apenas concentrar-me no que diz respeito ao nosso país.

O Modelo que atingiu em cheio o Brasil surgiu na Colômbia, na cidade de Bogotá. César Castellanos Dominguez e sua esposa Claudia, ambos Pastores, sentiram a necessidade de multiplicar o rebanho que apascentavam. Castellanos, que havia sido evangelista nas ruas de Bogotá, chegou a dirigir pequenas igrejas.

Antes de fundar seu Ministério, a Missão Carismática Internacional (MCI), pastoreou uma pequena igreja, que, no espaço

de um ano, teve um crescimento de 300%, passando de 30 para 120 membros.

Um crescimento como esse, pelo menos em nosso país, é bem-vindo. Castellanos, porém, não se contentou com ele, chegando a renunciar à direção daquela igreja.

Algum tempo depois, após uma nova experiência com Deus, disse ter recebido um chamado para apascentar um novo rebanho. Então, iniciou, na sala de sua própria casa, a Missão Carismática Internacional.

O inquieto pastor ainda mantinha uma firme determinação por encontrar uma estratégia de crescimento que realmente fizesse diferença. Conheceu o método usado por David Yonggi Cho, na Coréia do Sul, mas frustrou-se ao adotá-lo na Colômbia. Foi então que, fazendo algumas pequenas mudanças no modelo coreano, o Pastor César Castellanos chegou ao modelo que, após algum tempo de aplicação, lhe rendeu uma igreja com mais de 100 mil membros e 12 mil células, tudo isso em nove anos.

O leitor pode confessar que se sentiu "tentado" por esse crescimento. Quem não deseja um efeito como esse em sua região, em sua igreja? Todos queremos ver as almas correndo em busca da salvação, sabendo que temos conhecimento do caminho em que devem entrar.

O Pastor Ary Scates, da Comunidade Shalom, em Uberlândia (Triângulo Mineiro), disse ter ficado impressionado com o que viu em Bogotá. "Mais do que pelos números – dezoito mil jovens apenas na reunião normal de Sábado à noite – ficamos impressionados pelos ensinamentos, a vida de oração, batalha espiritual e a conduta disciplinada amigável", conta.

Dezoito mil jovens numa reunião de Sábado! Certamente é o sonho de nossos pastores brasileiros.

Mas, afinal, que estratégia milagrosa é usada nessa igreja? Na verdade, Castellanos não descobriu a "Arca da Aliança". Seu método é simples, contudo é bem aplicado e os membros que participam do programa estão motivados com o que está acontecendo.

Aqui é bom dizer que qualquer método evangelístico pode dar "muito fruto", como pretende Cristo (Jo 15.5). No entanto, de nada adianta ter um excelente método sem pessoas motivadas que o executem.

Se sua igreja já tem um método, e o vem aplicando há algum tempo, você sabe disso. Enquanto as pessoas não se sentirem motivadas pelos resultados, jamais veremos os frutos tão desejados. Ou elas têm a motivação causada pelo Espírito em suas vidas, ou precisam ver os resultados positivos para serem movidas ao serviço.

Há, entretanto, coisas interessantes na visão da Igreja em Células. Antes de apontar quais são essas "coisas interessantes", precisamos entender qual é a estrutura das células no modelo dos doze.

A estrutura da Igreja em Células do Modelo dos Doze

Célula é um termo usado originalmente na Coréia do Sul, pelo Pastor David Yonggi Cho. No Brasil, o termo mais comum para reuniões fora da igreja sede é Grupos Familiares ou Reunião nos Lares. Mas a dinâmica desses grupos e reuniões difere das células quando à disciplina e aplicação.

Originalmente, a visão de Castellanos centraliza-se em novos convertidos, ou seja, a espinha dorsal de tudo isso é a evangelização. As células só têm razão de ser se forem feitas em torno da evangelização, da colheita de almas arrependidas para o Senhor.

Assim, um grupo inicial de membros começa uma célula primária. A ênfase na escolha dos membros que comporão essa célula inicial está na oração. Só após orarem, pedindo ao Senhor que revele quem irá fazer parte dessa célula, é que se constitui um grupo. Esse ainda não é o G12. Apenas uma célula inicial.

Algumas igrejas, ao adaptarem o modelo à realidade brasileira, aproveitam para convidar descrentes para a reunião da célula. Como essa reunião acontece fora da igreja, aproveitam para arrebanhar pessoas do convívio diário, seja na escola, seja no trabalho, na vizinhança, e parentes, isto é, aqueles que normalmente não iriam a uma igreja. Alguns manuais de implantação desse método até sugerem reuniões em casas, escritórios, escolas, lanchonetes e até mesmo em estacionamentos.

Convidar pessoas a participarem das reuniões na igreja é fundamental. Só assim surgirão os que irão compor as novas células. Eles são a matéria-prima dos novos encontros. Esse é um ponto que deve ser apreciado e louvado por todos nós, pois enfoca o evangelismo pessoal e fortalece a chance de alguém assistir a um culto.

Continuando: quando o número de participantes dessa célula original chega a quinze, ou talvez um pouco mais, e um desses membros tem se mostrado um líder, faz-se a primeira multiplicação. O ideal é que cada um dos doze integrantes iniciais liderem uma nova célula com doze integrantes. Assim, o crescimento será uma conseqüência natural, em que uma célula de 12 gera

outras 12 células com 12 integrantes, ou seja, 144 membros. O número seguinte será 20.736, que deverão reproduzir-se também, tornando o crescimento da igreja algo vertiginoso.

A Consolidação

A primeira fase da nova vida que o convertido deverá atravessar é chamada de consolidação. É a infância espiritual do crente.

Após a aceitação a Cristo, que deve acontecer nos cultos na igreja, o novo convertido deverá passar pela chamada consolidação. Consolidar nada mais é do que tornar o novo crente firme, seguro nos ensinamentos cristãos básicos.

Verdade seja dita, é o velho discipulado com novo nome. Acontece que muitas igrejas já abandonaram o discipulado há muito tempo. Muitos novos convertidos sequer sabem que um dia houve esse trabalho na igreja onde congregam.

Dentro da estrutura das igrejas em células, o decidido é inserido em um programa de acompanhamento especial, recebendo ensinamentos sobre o plano da salvação, cartão de boas-vindas e livretos com informação e respostas às dúvidas mais freqüentes.

A fim de amparar o novo convertido, uma ligação telefônica é feita em no máximo dois dias após o culto em que se decidiu por Cristo. A esse telefonema chamam fonovisita.

Essa é uma forma de impedir que o novo convertido desanime ou seja bombardeado por dúvidas e ataques malignos, que sempre jogam para fora da igreja pessoas que têm potencial e disposição de tornarem-se cristãs maduras.

Quando me converti, em 1991, já era comum um grupo na igreja telefonar para aqueles que haviam aceitado a Cristo. Algu-

mas igrejas mandam cartas e outras fazem visitas nos primeiros dias de conversão.

Verificação

Essa é a segunda ação da igreja em função do amadurecimento do novo convertido. Já decidido, ele recebe instruções que o deixarão a par do que é o plano da salvação. Algumas igrejas presenteiam o novo membro com livretos, cartões e lembranças que marcarão o cumprimento dessa fase.

Na cabeça dessa pessoa ficará claro o seu compromisso com aquele grupo. Isso, de certa forma, realça os vínculos com a Igreja e transmite segurança sobre a questão "será que sou aceito por eles?"

Muitas pessoas, durante os primeiros meses de caminhada cristã, permanecem inseguras, duvidosas, e até mesmo isoladas do grupo. Com freqüência isso se dá em igrejas com muitos membros. Essa verificação, ou seja qual for o nome dado a essa etapa, também é bem-vinda em nossa comunidade, e estou seguro que deve ser adotada por quem quiser mostrar-se interessado pelo novo convertido.

Conheci, certa vez, uma denominação que batizava as pessoas que aceitavam a Cristo no próprio culto, assim que levantavam suas mãos e iam à frente.

Há uma passagem no livro de Atos em que um eunuco foi batizado logo após a pregação de Felipe (At 8.38). Mas há uma diferença fundamental entre se batizar imediatamente após a aceitação a Cristo e o caso do eunuco. O eunuco vinha, há algum tempo, estudando as Escrituras Sagradas e parece-me já estar familiarizado com a doutrina.

Acredito ser necessário que aqueles que ingressam no Corpo de Cristo sejam primeiramente observados em sua conduta para, depois de ouvirem sobre o plano de salvação, se realmente demonstrarem disposição para a jornada na fé, serem batizados.

O Pré-encontro

Mais uma fase do período de consolidação. Após a verificação, o novo membro recebe uma visita, através da qual é convidado a freqüentar a célula. Note que ele ainda não foi batizado. Está em fase de discipulado.

O trabalho que antecede o encontro em si consiste de quatro reuniões em uma célula, na casa ou em outro lugar determinado pelo líder da célula. Cada reunião deve durar uma hora, e é realizada uma reunião por semana, durante um mês.

Durante essas reuniões de pré-encontro são abordados temas ligados à vida cristã. O plano da salvação é apresentado de forma mais enfática, mais contundente. Isso irá desnudar a alma dos novos membros, que serão expostos à pregação da Palavra de Deus.

Na visão original que teve César Castellanos, essas reuniões deveriam ser feitas com novos convertidos que haviam passado por sua igreja. Inicialmente, não deveriam fazer parte das células, nessa fase de pré-encontro, pessoas já convertidas nem pessoas de outras igrejas e denominações.

O foco deve estar nos novos crentes. Salvo se houver algum crente necessitado de uma renovação espiritual, apenas os novos convertidos deverão participar desse plano de ação. A proposta é ampliar a igreja através da colheita de novas almas, e não im-

plantar um método de trabalho para aqueles que já nasceram de novo.

Dessa forma, o pré-encontro tem serventia apenas para pessoas que vêm de outras religiões que nada tem a ver com o cristianismo evangélico. Esta é uma excelente oportunidade para esclarecer dúvidas tão comuns e que causam tantos problemas para aqueles que desejam uma excelente ocasião de experimentar uma nova vida com Cristo.

O Encontro

Após freqüentar as quatro reuniões que compõem o pré-encontro (que dura um mês), e sem interromper o processo que o novo membro está atravessando, vem o Encontro. Os candidatos ao encontro já devem ter atendido aos requisitos anteriores, como aceitarem a Cristo e freqüentarem o pré-encontro.

Na proposta original, o encontro não deve ser feito apenas para cristãos que vêm de outras igrejas, ou cristãos que já são maduros. A igreja que adota essa metodologia não pode concentrar-se apenas no encontro, mas em todo o projeto.

"O encontro é destinado a novos crentes, mas é aberto aos antigos para que experimentem renovação espiritual. O problema é que, no Brasil, e ênfase maior tem sido para que os cristãos participem apenas do encontro e sem qualquer critério", afirma Castellanos.

O que acontece no encontro, que normalmente dura um fim de semana, começando na sexta-feira à noite, é uma exposição dos participantes à Palavra de Deus. Durante os três dias as palestras ministradas são específicas, e abordam temas como ar-

rependimento, conversão, novo nascimento, fé, batismo nas águas, batismo no Espírito Santo e relacionamento com Deus.

O impacto que isso causa em quem participa, principalmente em um novo converso, deve ser profundo. A atenção dessas pessoas estará voltada única e exclusivamente a Deus. Assim, ele será penetrado pela Palavra com maior intensidade.

Oração e pouco louvor completam a programação do encontro. A ênfase está, na visão original, na ministração da Palavra. Pretende-se, com isso, que o novo convertido tenha um encontro real com Cristo (por isso, o nome 'encontro'), e não seja apenas alguém que aceitou a Cristo numa igreja, mas não passou adiante e não amadureceu mais que isso.

Sobre o Encontro, o Pastor César Castellanos afirma: "O encontro é uma experiência genuína com Jesus Cristo, com a Pessoa do Espírito Santo e com as Sagradas Escrituras, no qual, mediante conferências, seminários, vídeos e auto-exame se leva o novo convertido ao arrependimento, libertação de ataduras e cura interior. O propósito é dar orientação clara, à luz das Sagradas Escrituras, ao recém convertido sobre seu passado, presente e futuro com Jesus Cristo, mediante ministrações em nível pessoal e de grupo. Desta maneira, o novo crente é preparado para desenvolver uma relação íntima com o Senhor, facilitando-lhe o aprendizado da oração, leitura da Palavra e o conhecimento da visão."

Pós-encontro

Após mais ou menos um mês e meio, chegamos ao penúltimo módulo do projeto de igrejas em células, o pós-encontro. Nem o encontro nem o pós-encontro amadurecem efetivamen-

te o cristão. Ele está na fase de consolidação, isto é, está se fortalecendo espiritualmente, para depois dar fruto. Devemos observar, ainda, que o G12 também não foi formado.

O pós-encontro é composto de dez palestras, que também devem ter a duração de uma hora, uma vez por semana. São dois meses e meio em que o participante novamente é confrontado com as verdades bíblicas que o ajudarão a firmar-se na sua nova fé.

Nesse último módulo da fase de consolidação, os assuntos são mais abrangentes, e podem variar entre temas do tipo Como Enfrentar o Mundo, Como Falar com Deus, Vida Social, A Palavra Fonte de Vida, Sexualidade, A Igreja Refúgio de Deus, Vida Equilibrada, O Batismo: um Passo de Obediência, A Música e Sua Influência em Nossa Vida e Como Conhecer a Vontade de Deus.

A célula original, em que o novo convertido iniciou a sua participação, é a mesma após o encontro. O líder daquela célula, a essa altura do processo, deverá concentrar-se em identificar aqueles membros que se destacam como líderes em potencial, que irão formar novas células em breve, após passarem pela Escola de Líderes.

Escola de Líderes

Quando o participante alcança esse estágio, certamente ele cresceu bastante em conhecimento do plano de salvação e em conhecimento das Escrituras Sagradas. Ele participou de horas de estudo concentrado, esclareceu dúvidas, ouviu opiniões, confrontou seus próprios valores com os valores da Palavra de Deus.

Agora, por três trimestres, uma vez por semana, duas horas por semana, ele continuará a ser confrontado com as doutrinas bíblicas e participará de seminários sobre temas ligados ao cristianismo.

Existe uma diferença na Escola de Líderes. Normalmente dividem-se os participantes em grupos homogêneos (só homens, só mulheres, só músicos, só casais etc.)

Os nove meses também são divididos em três trimestres: no primeiro, o ensino é concentrado na vida com Deus e no caráter cristão; na segunda fase, o ensino ministrado enfatiza a célula e, no terceiro trimestre, a pessoa do líder.

A essa altura, aquele novo convertido que, há cerca de um ano, supostamente nada entendia de cristianismo ou de doutrinas bíblicas, passou por um ano de discipulado constante e intenso.

Há, ainda, outros níveis de aprendizado, como a Escola de Mestres. No entanto, quero me concentrar nestas etapas que mencionei, até porque demanda tempo alcançar os novos níveis e, como esse movimento chegou ao Brasil recentemente, até o momento em que escrevo este livro, ainda existem pouquíssimos – se é que existe algum – líderes sendo treinados para Mestres.

Quando aquele novo convertido, que a essa altura nem pode mais ser chamado "novo", passa pela Escola de Líderes, evidentemente, ele pode iniciar uma nova célula. Outro critério para que uma nova célula seja iniciada é atingir 15 membros.

Nesse caso, uma nova célula começa a ser formada pelo novo líder. Esse novo líder veio da primeira célula, após ela ter atingido um número excedente de participantes.

Quando cada membro da primeira célula formar a sua própria célula, estará formado o primeiro grupo de 12, o primeiro G12. A primeira célula não leva esse nome.

Os líderes não abandonam a célula original. Após as primeiras gerações (12, 144, 20.736), os líderes mantêm contato semanal na sua célula de origem. Eles continuarão sendo liderados e também liderarão novas células.

Em linhas gerais, essa é a estrutura adotada pelo pastor César Castellanos na Missão Carismática Internacional. Algumas variações ocorreram na visão original, na própria Colômbia, e essa chegou ao Brasil ainda mais modificada.

Vamos, então, continuar procurando antecedentes bíblicos e confrontando-os com o modelo adotado no Brasil. Estou seguro de que o leitor poderá tirar conclusões por si mesmo no decorrer do texto, sem ser influenciado ou induzido por meus argumentos. A exposição será feita apenas pelo que diz a própria Palavra de Deus.

2

ANTECEDENTES BÍBLICOS

Como disse na apresentação deste livro, minha pretensão é ser imparcial ao tratar deste assunto. Quero assegurar ao leitor que darei minha posição sobre o movimento, o que considero aproveitável e o que deve ser condenado.

Por hora, quero simplesmente apresentar os fatos atuais e, neste capítulo especialmente, mostrar o que aconteceu no tempo dos Apóstolos, quando tiveram que implantar a Igreja em países variados, com culturas e costumes diversos.

O cristianismo começou a partir do momento em que Cristo iniciou seu ministério público. Não temos dúvidas sobre isso. Ele, Cristo, não pertencia efetivamente à liderança religiosa judaica; não pertencia a nenhuma daquelas seitas que predominavam no cenário judeu.

Mesmo assim, Jesus, vez ou outra, usava o Templo e as sinagogas do judaísmo para pregar sua mensagem. Usava as Escritu-

ras do Antigo Testamento e aplicava a elas a sua interpretação que, diga-se de passagem, era a interpretação, mais correta daqueles textos.

No entanto, o cristianismo não possuía um espaço fixo definido, por assim dizer, lugar em que poderia ser a sede daquela nova religião, ou, como chamavam na época, da seita dos nazarenos.

Jesus, então, transformava colinas, barcos, praças e locais públicos, desertos e residências alheias em púlpitos, e assim podia pregar Sua poderosa e transformadora mensagem.

Não raro lemos nos Evangelhos que Jesus estava reunido com seus apóstolos e mais alguns discípulos e opositores em casa de algum simpatizante. Um dos casos mais conhecidos talvez seja aquele em que Jesus comia na casa de Mateus, o publicano: "E, passando viu Levi, filho de Alfeu, sentado na alfândega, e disse-lhe: Segue-me. E, levantando-se, o seguiu. E aconteceu que, estando sentado à mesa em casa deste, também estavam sentados à mesa com Jesus e seus discípulos muitos publicanos e pecadores" (Mc 2.14-15).

A Santa Ceia foi celebrada em uma casa muito grande e confortável. Jesus curou paralíticos que foram trazidos por amigos à casa de seus discípulos. Ele foi ungido por Maria, com ungüento, em uma outra casa, também de um discípulo. Enfim, não é difícil encontrar uma casa onde Jesus tenha passado e realizado algum tipo de serviço, sendo este um ensino, uma cura ou algo assim.

Após este período de três anos, aproximadamente, em que Jesus esteve ministrando pessoalmente entre os homens, Ele ordenou aos seus seguidores que estes fizessem o mesmo. Sua orde-

nação estava investida de uma amplitude bem maior que a própria obra que realizara entre os homens na Judéia. Ele disse que seus discípulos deveriam ir por todo o mundo, pregar o evangelho a toda criatura (Mc 16.15).

Os discípulos, então, reuniram-se por cinqüenta dias (de onde vem a expressão pentecostes), esperando a promessa feita (Lc 24.49; At 1.8; 2.1). Durante esses dias, eles foram batizados com o Espírito Santo, num evento sobrenatural e sem antecedentes na história humana. Isso aconteceu numa casa:

"E de repente vem do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados." (At 2.2)

Cheios do Espírito Santo, os discípulos começaram a grande obra de espalhar e pregar o Evangelho a todos os povos, em todos os países.

Mas eles não tinham sede própria, não havia um Centro de Convenções onde pudessem se reunir, nem tampouco havia sido dada alguma orientação específica sobre um lugar que deveria ser a sede daquele grupo.

Divididos, mas não desunidos, os apóstolos, os discípulos e os evangelistas de então saíram a pregar as boas novas. E é no livro de Atos, nas cartas do Apóstolo Paulo, e também nas do Apóstolo João, que lemos alguma referência sobre o lugar onde aqueles nossos irmãos se reuniam para ensinar a Palavra de Deus e ganhar as primeiras almas para Cristo:

> *"E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração"* (At 2.46).

"E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo" (At 5.42).

"E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão" (At 8.3).

"Saudai também a igreja que está em sua casa. Saudai a Epéneto, meu amado, que é as primícias da Ásia em Cristo" (Rm 16.5).

"As igrejas da Ásia vos saúdam. Saúdam-vos afetuosamente no Senhor Áquila e Prisca, com a igreja que está em sua casa" (1Co 16.19).

"Saudai aos irmãos que estão em Laodicéia, e a Ninfa e à igreja que está em sua casa" (Cl 4.15).

"E à nossa irmã Afia, e a Arquipo, nosso camarada, e à igreja que está em tua casa" (Fm 1.2).

"Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis" (2Jo 1.10).

"Eis que estou à porta, e bato: se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo" (Ap 3.20).

Eis uma pequena coleção de textos bíblicos que comprovam fartamente a existência e eficiência das igrejas em residencias nos tempos apostólicos. Nem é o caso de argumentar que isso se

dava por falta de dinheiro, porque o livro de Atos nos conta que os cristãos vendiam o que tinham e entregavam os rendimentos aos apóstolos. Alguns cristãos, como Ananias e sua esposa Safira, chegaram a vender suas propriedades. Portanto, é de acreditar que os líderes cristãos daquele tempo possuíam recursos financeiros para edificarem um templo, ou, ainda que menor que um templo, uma pequena igreja.

Mas o fato é que a Igreja começou em casas, pequenos núcleos onde o ensino bíblico era a ênfase e alguns hinos já eram entoados.

Há quem diga que o primeiro templo cristão surgiu no século IV, com a união da Igreja com o Estado. Assim, por mais de trezentos anos, o lugar de culto onde o cristianismo foi moldado, amadurecido e espalhado pela terra foi, quer se admita ou não, as casas dos irmãos.

A Igreja no Brasil

O cristianismo protestante está no Brasil desde 1810. A Igreja Anglicana, a primeira igreja protestante a se instalar no Brasil, vinda da Inglaterra, lançou a pedra fundamental de seu templo em 12 de agosto de 1819. No entanto, o Rev. Robert Grane, o primeiro capelão britânico, havia chegado ao Rio de Janeiro em 1816.

Para que ele pudesse lançar a pedra fundamental de seu templo três anos depois, onde ele trabalhou na evangelização durante aqueles três anos? Não hesite em responder que foi em sua própria casa no início e, posteriormente, na casa de alguns novos convertidos.

Os luteranos, de origem alemã, chegaram ao Brasil em 1824. Eles desembarcaram no Rio de Janeiro e no mesmo ano no Rio Grande do Sul. Trouxeram recursos de seu país, e puderam primeiro inaugurar seu templo no mesmo ano de sua chegada, para depois realizar o trabalho de evangelização e arrebanhamento de almas.

Mas o registro histórico diz que a Igreja Luterana chegou em São Paulo só em 1858, ano em que é celebrado o seu primeiro culto pelo pastor Jorge Hölgel, e isto na residência da família Schaumann, da farmácia de manipulação Ao Veado de Ouro, hoje Botica ao Veado de Ouro.[1]

Já o movimento pentecostal registra seu surgimento no Brasil em 1911, bem mais recentemente que as denominações tradicionais. Com a chagada dos Missionários Daniel Berg e Gunar Vingren em Belém do Pará, tem início a Assembléia de Deus no Brasil.

Os primeiros cultos dessa denominação também aconteceram em residências, até que se fundou o primeiro templo. No entanto, o crescimento da Assembléia de Deus rumo ao sudeste e sul brasileiros se deu nas casas, seguindo o exemplo apostólico e também o de outras denominações.

Há vantagens em cultos nos lares?

Mais que vantagens do culto doméstico, como vimos, há a necessidade dele. Mesmo que os representantes das igrejas tradicionais que vieram para o Brasil tivessem uma retaguarda espiritual e financeira em seus países de origem, era preciso fazer com que a igreja local se auto-sustentasse.

[1] Religião no Brasil, Júlio A. Ferreira.Luz para o Caminho Publicações, 1992, Capinas.

Mas no caso de Daniel Berg e Gunar Vingren foi diferente. E certamente outros também desembarcaram no Brasil com menos recursos que os Anglicanos e os Luteranos. Os Missionários que fundaram a Assembléia de Deus no Brasil tinham que vender livros para sobreviver. Enquanto um vendia os livros, o outro, evangelizava.

Passada, contudo, a fase da necessidade, e estabelecida a igreja com sua sede própria, qual o motivo para a realização de um culto doméstico?

Há muitas pessoas que temem entrar em um templo evangélico. Eu mesmo não teria ido à Igreja se tivesse que entrar primeiramente pela porta de um templo pentecostal. Convidado, porém, a assistir ao mesmo culto numa residência, não ofereci resistência. Outros têm o mesmo sentimento. Uma reunião doméstica parece ser mais discreta. Essa é a palavra chave: discrição. Ninguém quer se expor, e entrar numa residência traz consigo ares mais familiares que religiosos.

Por isso, muitas igrejas e denominações têm adotado, e isso há décadas, o hábito de realizarem trabalhos oficiais da igreja dentro dos lares de alguns de seus membros.

Aquele parente que se quer evangelizar e ganhar para Cristo há anos, não entra num templo por nada nesse mundo. Em nossa casa, entretanto, ele não pode se negar a entrar. O vizinho também se sente mais à vontade para conhecer nossa fé dentro da nossa própria casa. Uma vez que aceita o convite, estamos a meio caminho do apelo e ele, à beira da conversão.

Além da discrição que um lar confere a um culto doméstico, há a aproximação da Igreja com os doentes, aqueles de quem Jesus disse que necessitavam de médicos.

Muitas vezes, num grande templo, ou ainda numa igreja de proporções menores, os incrédulos entram e sentam-se no fundo, perto da porta. Ao terminar a reunião, dali para a rua é muito rápido, e eles não pensam duas vezes para irem embora, ainda que tenham consigo dúvidas que poderiam ser sanadas em cinco minutos de conversa com o pastor.

Esse, por sua vez, também não consegue estabelecer um diálogo com essas pessoas porque, quando pensa em ir para o fundo da igreja, são abordados por seus próprios membros. Isso quando pensam em ir para o fundo da igreja.

Então, diante disso, o culto doméstico se reveste de ares mais íntimos. Todos podem conversar com todos, indiscriminadamente. E até o pastor mais inacessível pode sentar-se ao nosso lado no sofá da sala!

Num culto doméstico há tempo hábil para tirar dúvidas, conferir as verdades na própria Bíblia, fazer anotações, orar sobre propósitos específicos; enfim, é um trabalho mais humano, por assim dizer.

O culto doméstico também valoriza o ser, enquanto que o culto na igreja é mais genérico. Não quero, com isso, afirmar que não haja igrejas que consigam manter essa atmosfera mais humana em seus cultos no templo. Evidentemente há. No entanto, o que mais vemos não é isso, e sim, cultos formais com pouco ou nenhum cultivo de relacionamentos.

A igreja cresce nos lares

Um outro ponto importante que é favorecido nos cultos nos lares é a oportunidade de crescimento da igreja. Quero dizer cresci-

mento numérico e qualitativo. Se for verdade que os cultos domésticos favorecem o estabelecimento de relacionamentos mais firmes e saudáveis, também é verdade que as pessoas que participam de cultos domésticos são mais fortes espiritualmente.

Primeiro, porque aprendem "mais de perto". Tiram suas dúvidas no momento da ministração, coisa que nem sempre é permitida em um culto na igreja. E quantos membros vão embora para casa, após um culto de ensino, sem poderem fazer perguntas sobre as dúvidas que eles têm!

Em segundo lugar, no âmbito de um culto doméstico é mais difícil aqueles que têm problemas esconderem esses problemas. A aproximação favorece a exposição de nossas necessidades, sejam financeiras, afetivas e emocionais, sejam espirituais.

Dessa forma, acontece o envolvimento maior daqueles que estão fortes na fé com aqueles que precisam ser fortalecidos (Rm 15.1; Ef 4.2; Cl 3.13). Quem ganha com isso é a igreja como Corpo de Cristo.

Outro fator importante que é realçado no culto nos lares é a possibilidade de ampliação da igreja sede. Considere que uma igreja está sediada no bairro central de uma cidade, mas há um membro dessa igreja que mora afastado do centro.

Inicia-se, então, um culto no lar desse membro para o qual são convidados parentes e vizinhos. Em pouco tempo, esse culto recebe dezenas de pessoas que assistem a ele com interesse e compromisso. Aí, então, pode-se começar a recolher ofertas e dízimos e alugar um novo ponto ou salão para dar início a um novo trabalho.

Assim, aquele que, a princípio, era apenas um culto no lar tornou-se uma congregação, uma pequena igreja no bairro liga-

da à igreja sede no centro. O mesmo pode-se fazer em outros bairros e, em pouco tempo, a igreja cresce numericamente. Isso tem sido feito por muitas igrejas há décadas.

Que problemas há em cultos nos lares?

Se destaquei as vantagens, e certamente poderíamos listar um número maior delas, também é verdade que há riscos. E o mais comum dos riscos que os cultos nos lares oferece é o desvio da doutrina aplicada na igreja sede.

Podemos classificar os cultos nos lares por seus propósitos. Desse modo, em linhas gerais, temos dois tipos de cultos, ou dois cultos com propósitos distintos.

O primeiro é aquele culto com características evangelísticas, que visa a aproximar o pecador da igreja e da salvação. Quando os realizadores desse culto estão convictos desse propósito, dificilmente haverá riscos e perigos nos cultos. A igreja saberá o seu papel e tudo o mais será uma grande bênção.

Mas há aqueles cultos que se revestem de outros propósitos e muitos desses propósitos fogem da visão evangelística. Muitas vezes um grupo dentro da igreja fica insatisfeito com a direção tomada pelo líder, ou pelo sistema doutrinário adotado na igreja.

Então, surgem aqueles que dizem saber mais que o pastor, aqueles que também receberam uma revelação divina, e por aí vai... Deus se revela a todos os seus filhos, não tenha dúvida. No entanto, dificilmente Deus dá direção ao povo para que ele se divida. Deus diversifica, não divide o Seu povo.

Dessa maneira, temos os pentecostais, os neopentecostais, os tradicionais, os históricos; todos, porém, temos o mesmo pro-

pósito, o mesmo Espírito, a mesma fé. Não pregamos "Cristos" diferentes entre si. Batistas, presbiterianos, assembleianos, quadrangulares, e tantos outros anunciam a fé no mesmo Jesus, que morreu na mesma cruz e virá para buscar o mesmo povo.

Diante disso, a liderança que, através de oração e humildade, conduzir cultos nos lares certamente poderá contar com o auxílio do Espírito Santo a fim de não ver seu grupo dividido. Da mesma forma, pequenos grupos de irmãos que pretendem iniciar um grupo de trabalho nos lares destacado, da direção principal da igreja, devem pedir a bênção do pastor para que não aconteça o erro que tantos outros cometeram.

Se estivermos em desacordo com a liderança, não é correto começarmos um trabalho concorrente. É cristã a atitude daquele que procura o seu líder e expõe o dificuldades, ainda que tenhamos que convocar uma reunião com um número maior de pessoas dentro da igreja a fim de resolver problemas. O Corpo de Cristo não pode ser dividido.

Vimos, então, que não é recente o costume de realizar cultos em lares. Isso existe há anos, ou melhor, há milênios. Evidentemente surgem problemas com esses cultos, mas, normalmente, os cultos nos lares trazem mais benefícios que males, quando todo o corpo da igreja entende e aceita o propósito desse tipo de reunião.

Além do mais, pode-se economizar muito com a implantação de cultos nos lares. Vale a pena investir nessa espécie de trabalho.

3

PROBLEMAS BRASILEIROS COM O G12

Todos sabemos que o Pr. César Castellanos tentou adotar em sua igreja a estratégia usada na Coréia do Sul por David Yonggi Cho. No decorrer dos anos, por conta de uma visão, fez, na mesma estratégia, algumas alterações que, segundo afirma, Deus lhe havia concedido para que adotasse na Colômbia.

Há, todavia, relatos que dizem que o próprio Castellanos fez alguns "arranjos" durante a implantação da visão que lhe fora dada. E o que dizer de pastores brasileiros que tentam adotar a visão internacional de Castellanos? É evidente que muitas coisas, muitos elementos foram introduzidos, distorcidos e acrescentados ao se implantar o modelo dos 12 em terras tupiniquins.

O Pastor René Terra Nova, um dos principais responsáveis pela "importação" do G12 para o Brasil, em declaração à imprensa evangélica, afirmou: "Cada igreja é livre e trabalha a visão que tem".

Por essa declaração, entendo que a fidelidade à visão de Castellanos não é necessária, mesmo que pastores brasileiros te-

nham sido ungidos pelo pastor colombiano como representantes da MCI no Brasil. Sobre isso, Castellanos se defende, dizendo: "(...) se o líder que a aplicou [a visão] julgou que algumas modificações fariam melhor ao seu trabalho, não posso fazer nada".

Mas, afinal, o que tanto tem incomodado a comunidade evangélica brasileira? Que práticas são essas que despertam a atenção da liderança para uma possível invasão herética?

Algumas dessas práticas que são consideradas suspeitas serão analisadas a seguir. Quero, entretanto, salientar que o que tenho visto é que cada denominação adota um tipo de aplicação da visão. Por conseguinte, os encontros diferem uns dos outros, e, com isso, o que é aplicado no encontro de uma igreja pode não ser aplicado no encontro de outra igreja.

Dessa forma, não quero atacar e condenar a ninguém nem a nenhuma instituição evangélica. Meu propósito, repito, é apresentar ao leitor apenas as práticas que seguramente devem ser evitadas ou, ao menos, observadas com mais cautela ao se defrontar com elas.

Ênfase exagerada no Modelo

Quero começar com algo não tão nocivo, mas que, nem por isso, deva passar despercebido. Estou falando da ênfase exagerada em que tudo o que envolve o G12; acreditam, até mesmo, que os encontros sejam a última palavra em revelação divina.

Exageros nunca foram bem-vindos em nosso meio. Nem para mais, nem para menos. Afirmar que "a visão" é o último modelo de Deus para a salvação do homem é mais uma prova

de imaturidade e falta de visão espiritual. É comum ouvir alguém perguntando: "Você está na visão?", dando a entender que aquele que está na visão possui certa superioridade espiritual sobre aquele que ainda não está.

Essa postura é anti-bíblica e, segundo os especialistas em identificação de heresias, o exclusivismo é uma forte evidência da existência de ensino herético. Veja os testemunhas de Jeová: eles alegam que somente seus seguidores serão salvos. Que absurdo!

Quando disse que essa postura é anti-bíblica, baseio-me na afirmação do próprio Jesus sobre o mesmo questionamento. No evangelho de Marcos, há uma situação semelhante:

> *"E João lhe respondeu, dizendo: Mestre, vimos um que em teu nome expulsava demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não nos segue. Jesus, porém, disse: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo falar mal de mim. Porque quem não é contra nós é por nós"* (Mc 9.38-40).

O apóstolo João queria repreender e afastar um discípulo que estava expulsando demônios em nome de Jesus, mas que não caminhava com os "doze" apóstolos nem com Jesus. Ouvindo isso, Jesus repreendeu a João com a afirmação anterior, que o leitor pôde conferir.

Portanto, não fazer parte de uma estratégia – pois o G12 é apenas uma estratégia e não uma doutrina – não significa não fazer parte da doutrina da salvação. E o que conduz o cristão pelo caminho da salvação e o apóia espiritualmente é a doutrina

revelada pela Palavra, e não a estratégia para levar descrentes à Palavra.

O Misticismo em torno do G12

Semelhantemente ao ponto anterior, há o misticismo que envolve tudo o que diz respeito ao modelo adotado por algumas igrejas. O brasileiro é tendencioso sobre esses assuntos e gosta de uma história envolvida por suspense, que traz elementos ocultos.

Veja como prosperam em nosso país as novas manias esotéricas, espiritualistas e heréticas! Não que sejamos o único povo com essas características, mas somos um deles, com certeza.

E, seguindo essa característica, o povo gosta de novidades. O G12 é uma novidade, está no Brasil há cerca de um ano. Por isso, chama a atenção daqueles que não conseguem se entusiasmar apenas com a pregação da Palavra de Deus, com alguns minutos de oração e comunhão com o Senhor.

Mas qual é o problema neste caso? O problema nem é do modelo, mas das pessoas que o adotam. Esses julgam a visão e o modelo milagrosos. Há até quem diga que "a igreja que não adotar o G12 está marcada para morrer espiritualmente, está a alguns passos da falência". Ora, que grande besteira! A igreja existe há dois mil anos sem modelos milagrosos e Cristo a virá buscar porque ela está viva, e não morta.

Há irmãos que precisam, periodicamente, de um "empurrãozinho" para continuarem caminhando na mesma fé. Para esses, a visão faria um bem "tremendo", se não a idolatrassem como a tábua de salvação para a Igreja. Quem salva a Igreja

é Cristo, não uma visão dada dois mil anos depois da fundação da própria Igreja.

Neste caso, o cristão precisa ter, sim, um encontro com Cristo, para assim entusiasmar-se com a Palavra de Deus, ter ânimo para orar, para jejuar, para adorar ao Senhor, independente das estratégias, de espaço físico, de companhias agradáveis ou de um louvor ministrado com tais e tais instrumentos ou músicos.

Há pessoas que não conseguem enxergar a Deus fora do templo. Ora, nós somos o templo do Espírito Santo. Quando saímos da igreja onde congregamos, levamos o Espírito do Senhor conosco; Ele não fica preso naquelas quatro paredes do prédio onde a igreja apenas se reúne.

Precisamos entender que o avivamento deve vir de dentro para fora, se é que o Espírito habita em nós.

A Igreja que não adotar a visão prosperará da mesma forma, pois Jesus garantiu que as portas do inferno, e não a negação de uma estratégia, não prevaleceriam contra a Igreja (Mt 16.18).

Proselitismo

Segundo declarações do Pr. Castellanos, a visão inicial era para ganhar e treinar novos convertidos. Mas cristãos de outras denominações começaram a participar dos encontros na Colômbia. Como o número de pessoas vindas de outras igrejas era grande, com o tempo, Castellanos admitiu que "Deus" teria dito a ele que permitisse que pessoas de outras denominações permanecessem em suas igrejas, "pois Deus as tinha enviado para que ele trabalhasse com elas".

Ao se implantar o modelo no Brasil, as igrejas e os pastores responsáveis por isso deveriam observar esse ponto. Se:

- como esses irmãos mesmos afirmam veementemente, a visão é para ganhar almas;
- as células ou grupos devem evangelizar;
- a oração é a base que dá início ao trabalho (segundo um dos Manuais de Implantação do G12);
- a visão é para almas, como destaca outro Manual.

Então não podemos permitir que cristãos de outras igrejas participem dos programas do G12. Executar um trabalho que traga membros de outras igrejas para dentro das nossas igrejas é característica de proselitismo, o mesmo proselitismo que condenamos nos Testemunhas de Jeová, que citei há pouco, e em outras denominações pseudo-cristãs.

É o mesmo que ir de porta em porta pedindo: "Venha para a minha igreja, pois lá nós somos melhores; temos uma programação mais eficiente".

A nossa chamada é para ganhar os perdidos, e não para 'pescar dentro do aquário dos outros". Devemos investir dinheiro e tempo na evangelização de almas que ainda não tiveram um encontro com o Senhor.

Sobre os que já estão em uma igreja, se acharmos que ainda não tiveram um encontro impactante e transformador com Cristo, devemos orar para que o Senhor proporcione isso sem que essa pessoa tenha que transferir-se para outra denominação. Isso é negar o trabalho feito pelo Espírito Santo; é até mesmo, na minha visão, blasfêmia:

> "*Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos*". (Ef 4.3-6)

Alguém poderá argumentar que alguns cristãos têm esfriado espiritualmente em suas igrejas. Por isso é mais interessante que participem dos trabalhos do G12, ao invés de permanecerem onde estão. Ora, que fazer do Pastor dessa igreja? Deveríamos fazer o apelo a ele também?

Ministração x Experiência

Uma das alegações sobre a eficiência do G12 gira em torno do rápido amadurecimento espiritual. Quem implanta o modelo, normalmente alega que um novo convertido, em questão de meses, poderá ser um líder. Ou, pior ainda, alegam que três dias de ministração intensa num encontro é mais eficiente que um mês na igreja!

O leitor já deve ter ouvido falar em sobrecarga. Muito bem, a nossa vida espiritual é muito parecida com a vida física de um recém-nascido. Algumas coisas são semelhantes e há normas que valem para ambas as naturezas, a física e a espiritual.

Quando uma criança nasce, devemos alimentá-la na hora certa, em doses certas, a fim de vê-la saudável, fortalecida e alimentada. Isso a mãe fará por muitos anos, até que a criança possa servir-se sozinha ou até mesmo fazer sua própria comida, quando se tornar jovem ou adulta.

O crescimento ocorre natural e gradativamente. Não podemos dar-lhe toda a comida que a criança comeria em dez anos e simplesmente vê-la já com o tamanho, a altura e o corpo de uma criança de dez anos. Ela deverá obedecer ao crescimento normal, desenvolver-se intelectual e fisicamente, sofrer as doenças comuns às crianças, e, principalmente, ter suas próprias experiências.

Quando um aluno cursa uma faculdade, o professor passa quatro, cinco ou até seis anos ministrando ensinamentos sobre a profissão que foi escolhida, sobre o tema daquele curso. Algumas aulas de laboratório são feitas, trabalhos em campo também. Após a formatura, quatro ou cinco anos depois do início do curso, o aluno poderá iniciar seu trabalho naquela profissão que escolheu; de advogado, por exemplo.

Mesmo tendo cursado cinco anos o curso de Direito, o novo advogado terá, ainda, algumas dúvidas; enfrentará algumas dificuldades naturais.

Com o novo convertido também acontece isso. Não amadurecemos um novo cristão com 72 horas de ministração intensa em um encontro! Podemos, sim, injetar-lhe um ensinamento por dois ou três dias, e ele terá o conhecimento sobre aquele assunto. Mas a vida cristã é mais que conhecimento, muito mais que isso!

Basicamente o sucesso de um líder se dá frente à sua experiência, frente à sua habilidade, e não sobre seus conhecimentos, suas teorias. Precisamos de tempo para que alguns ensinos amadureçam em nosso espírito e dê os frutos desejados. Precisamos de tempo para testar e conferir na prática se alguns dos ensinamentos que recebemos funcionam como foi ensinado e tirar nossas próprias conclusões.

Creio que não podemos afirmar sermos melhores discipuladores que o próprio Jesus. Alguém acredita ser melhor líder que Ele? Muito bem, mesmo sendo treinado por Jesus durante três anos, e não três dias, Pedro ainda teve dificuldades com a questão de ser o novo líder e Jesus destacou isso dizendo:

> *"Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça, e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos. E ele lhe disse: Senhor, estou pronto a ir contigo até a prisão e a morte. Mas ele disse: Digo-te, Pedro, que não cantará hoje o galo antes que três vezes negues que me conheces."* (Lc 22.31-34)

Jesus estava dizendo que, mesmo diante da autoconfiança de Pedro, ele ainda não estava tão fortalecido assim, quanto pensava estar. Tanto que Satanás queria tenta-lo, e Jesus não permitiu ("eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça").

Jesus disse, ainda, que Pedro deveria esperar até se converter para que começasse a dar os frutos: "E tu, quando te converteres, confirma teus irmãos".

Existe, sim, a necessidade de pessoas que trabalhem na evangelização, no discipulado. O que não pode existir é uma pressa sem motivo para colocar pessoas que liderem outras. Pessoas que precisam ser lideradas, discipuladas são postas diante de uma batalha apenas com um manual de instrução.

Isso faz-me lembrar daquelas imagens que vemos na tevê, onde alguns países convocam crianças para irem à guerra. Dão-lhes fuzis que pesam mais que seus próprios corpos e colocam-

nas diante da tropa para morrerem a bala. É uma injustiça o que fazem com aquelas crianças. Não será, também, uma injustiça o que fazem com algumas crianças espirituais?

Vamos esperar que os novos convertidos tenham suas experiências, amadureçam naturalmente e, aí sim, permitir que liderem. Enquanto isso, estou certo de que devem participar dos eventos da igreja, da liturgia (se ela existir), devem ter suas oportunidades para ministrarem, para desenvolverem suas atividades na evangelização. Mas não tenho plena certeza de que lhes dar uma atribuição em que acumulem tanta responsabilidade seja saudável.

Manual proibido e reuniões reservadas para a cúpula

Outra questão que tem causado estranheza entre nós é o manual que explica passo-a-passo a implantação do Modelo e práticas estranhas à Bíblia. O texto a seguir foi extraído de um artigo que li:

"Semelhante ao que é encontrado nas religiões ocultistas e movimentos esotéricos, o G12 também utiliza símbolos e modelos fortemente rejeitados no seio das igrejas evangélicas, como a chamada "Roda de Oração", que consta do "Manual do Discípulo – Construindo Relacionamentos".

O modelo é quase idêntico às "mandalas" (símbolos esotéricos) e mapas onde constam os signos do Zodíaco, e torna complicado o que deve ser simples: o ensino da Palavra de Deus.

As técnicas psicológicas ensinadas no "Manual de Realização do Encontro", por sua vez, são de arrepiar qualquer cristão: pelas regras do G12 , para que um indivíduo alcance a devida libertação

dos traumas do passado (técnica de cura interior), é necessário que este tente visualizar o "encontro do espermatozóide do seu pai com o óvulo de sua mãe". Depois da visualização de cada etapa de vida – no útero, durante a gestação, na infância até a idade adulta –, a pessoa deve perdoar àqueles que eventualmente tenham lhe causado sofrimento, sem esquecer ninguém - nem mesmo Deus. "Eles precisam liberar perdão às pessoas envolvidas em cada fase e até mesmo a Deus", diz um trecho do manual.

Os líderes do G12 também ensinam que "o novo homem nasce de uma consciência ajustada e harmoniosa", que precisa ser alcançada também através da observância de cinco códigos sagrados para um relacionamento com Deus: consciência, invocação, intenção, proposta e juramento.

Com significados estranhos, como na fase da invocação ("Invoco vossa presença viva, na formação de um núcleo de óvulos pensantes e multiplicadores do bem"), ou na do Juramento ("Não posso jurar diante de vós, porque sou terráquea e falível"), o G12 vem atraindo para si as análises críticas de muitos teólogos evangélicos."

Torno a insistir em que esses ensinamentos não são práticas comuns a todos os Encontros e implantações do Modelo G12. Creio que está claro que algumas igrejas têm adotado essas práticas ao implantar o modelo entre seus membros, e são essas distorções da Palavra de Deus que quero combater.

Mas, voltando ao texto, perdoar a Deus? devo perdoar a Deus? Ora, não há absurdo maior nem mesmo em toda a literatura pagã do que o homem perdoar a Deus por qualquer motivo que seja! Que mente maligna teria sequer imaginado uma maluquice dessas? A Bíblia ensina claramente que nós somos perdoados

pela misericórdia de Deus, e isso não é ser medíocre demais: é ser consciente da nossa situação e posição diante do Criador de todas as coisas.

Certamente não há necessidade de insistir nesse ponto, em que o homem precise perdoar a Deus, pois acredito que o leitor esteja no pleno exercício de suas faculdades.

O mesmo texto afirma, ainda, a necessidade da visualização do "encontro do espermatozóide do seu pai com o óvulo de sua mãe". Essa técnica é utilizada em laboratórios psiquiátricos e psicológicos, em terapias que em nada se assemelham a práticas apontadas e ensinadas pela Bíblia. Isso se chama regressão, ou como é muito comum ouvir fora da comunidade evangélica, regressão a vidas passadas. Alguns escritores se destacaram no último ano ao escrever sobre esse assunto, mas nenhum deles admite a Bíblia nem a fé cristã.

Quando minha mãe e eu éramos kardecistas, lembro-me de que essa técnica era usada no centro espírita que freqüentávamos. Minha mãe fez a regressão para descobrir quem ela havia sido em encarnações passadas. Comentei isso com ela, um dia desses, sobre aqueles tempos, e ela me disse: "Como éramos ignorantes!"

Irei tratar com maiores detalhes desse assunto mais adiante. Mas quero deixar claro, desde já, que a Bíblia é enfática ao ensinar que devemos olhar sempre para a frente. Muitos versículos insistem nisso, como: "Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus." (Fp 3.13 e 14)

Paulo está dizendo que ainda não alcançou o prêmio maior, ou a maior bênção que tem a receber, mas afirma que uma coisa ele faz e insiste em fazer, e essa coisa é esquecer-se das coisas que atrás ficam. Ele continua dizendo que avança para as coisas que estão diante dele, prosseguindo para o alvo, e não voltando para trás, nem regressando para as coisas que ele já havia deixado.

Paulo conclui dizendo que o que ele tanto almeja está mais à frente, e diz que isso é para ele o prêmio de Deus.

Vamos, então, tomar cuidado com essa história de voltar.

> *"E Jesus lhe disse: Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus."*
> (Lc 9.62)

Heresias e controle da mente

Um artigo publicado na Internet por Alexandre Galante e Sergio Viula traz o levantamento de outro ponto interessante, que depõe contra o movimento G12. Afirmando que o movimento adota práticas esotéricas e espíritas, como a regressão psicológica e liberação de perdão a Deus, os autores insistem na observância de uma conversão legítima, genuína, dizendo que o G12 pode facilitar, ou mesmo forçar, a falsa conversão, a conversão psicológica em oposição à conversão espiritual.

Achei interessante e oportuna a abordagem feita por esses dois autores, e, por isso, transcrevi parte do que foi publicado.

"O G-12 também emprega diversos métodos psicológicos de mind control (controle da mente) para moldar a personalidade dos "encontristas" e fazer com que eles se encaixem na "visão".

O movimento é extremamente perigoso, porque pode trazer muitos problemas psicológicos a médio e longo prazos aos participantes, além de produzir uma quantidade enorme de falsas conversões. O G-12 usa métodos muito semelhantes aos usados em outros movimentos abusivos, como a Igreja de Cristo Internacional.

Síndrome de "superioridade", acusação e tendência a divisão são comuns nesses movimentos. Eles consideram que os crentes de igrejas convencionais estão mortos espiritualmente.

Problemas de manipulação excessiva dos membros, demasiada ênfase em dízimos e ofertas, metas de conversão impostas, encontros a serem realizados etc., provocam muitas desistências a longo prazo. Pessoas que eventualmente deixarem o movimento vão sair esgotadas, feridas e vão se sentir "usadas". A maioria pode desistir do cristianismo no futuro.

Pastores que se sentem complexados por liderarem igrejas sem projeção podem ser presas fáceis para a metodologia do G-12. À primeira vista, a proposta de um crescimento explosivo parece um convite irresistível. Porém, a estrutura do G-12, bem como sua filosofia, não passam de uma bem elaborada estratégia de marketing e gerenciamento de recursos humanos. Não há nada de sobrenatural nisso. É um esforço humano para o recrutamento de adeptos. Mas, isso não significa que estas pessoas estejam nascendo de novo.

Quando se pensa que o novo nascimento pode ser produzido através da manipulação mental ou emocional, não há limite para as invenções humanas. Por outro lado, quando se entende que o novo nascimento é obra do Espírito Santo, que Ele realiza de acordo com o propósito e graça do Deus Trino, não há por que tentar manipular as pessoas para conseguir o que só Deus

pode fazer. O Dr. M. LLoyd Jones já exortava a igreja a não confundir conversões psicológicas com conversões espirituais.

O que as pessoas precisam é ouvir o Evangelho puro e simples, compreender o estado miserável de pecado em que se encontram, saber que a ira de Deus repousa sobre elas, ouvir que a graça de Deus é dispensada àqueles a quem Deus quer salvar e que a única maneira de se achegarem ao Deus santo é pelo arrependimento e pela fé no que Jesus Cristo realizou de uma vez por todas no Calvário.

Confundir metodologia mercadológica com evangelho é uma aberração, e é isso que está acontecendo nos ambientes onde o G-12 está ganhando espaço. Se um crente não participou do "Encontro", não está liberto ainda. Se não pertence a uma das "células castellanas", não pertence ao Corpo de Cristo, porque as células são o Corpo. Quanta tolice e pretensão!"

Cura Interior

Outro assunto que não é recente entre os evangélicos é a aplicação, ou a prática da chamada cura interior. A cura interior chegou ao Brasil há alguns anos, cerca de oito anos, para ser mais preciso.

A proposta dessa prática, como o próprio nome anuncia, é curar traumas e feridas emocionais e espirituais. Segundo aqueles que a aplicam, a cruz de Cristo é efetiva e eficaz para salvar o homem, mas existe a necessidade de continuar a obra de restauração através da cura interior.

Infelizmente, alguns encontros realizados no Brasil adotaram a cura interior em sua pauta.

Um outro relato que chegou até mim, narrado por um irmão que participou de um Encontro, descreve algumas horas do Encontro e como foi ministrada a cura. Leia isso:

(...) A quinta palestra foi sobre Cura Interior. O preletor iniciou explicando a diferença entre espírito, alma e corpo. Afirmou que, no plano da alma, residem todas as feridas e traumas da vida. Relatou uma lista grande de comportamentos causadores dessas feridas.

Ele discorreu sobre todos as possíveis feridas emocionais e suas diversas causas. Relatou alguns exemplos bíblicos, tais como: Moisés (língua pesada), Elias (incapacidade de enfrentar Jezabel), Mirian (complexo de inferioridade), os 10 espias (complexo de inferioridade).

Após isso, passou a ministrar a cura propriamente dita. Foi dito que, para ser curado, eram necessários dois passos: romper o domínio de Satanás, tomando posse do que já era nosso; e receber a cura de lembranças passadas. Em outras palavras, foi dito para voltarmos ao passado e desenterrarmos de lá os detalhes mais sórdidos, desentulhando todo o lixo de que nos lembrássemos, jogando tudo fora. Neste ponto, foi pedido para declarássemos uns aos outros: "Estou aberto ao que Deus vai fazer em minha vida".

Durante esta ministração, foram afastadas todas as cadeiras do auditório. Foi posta uma música instrumental bem sugestiva, de adoração, e sem letra. Este momento dividiu-se em três partes:

1. *Fizemos uma regressão.* Apagaram as luzes e foi pedido que visualizássemos o momento da fecundação, depois a formação

no útero materno, depois o nascimento, depois a infância, depois a adolescência, etc. A visualização de cada fase foi detalhadamente solicitada: fomos instruídos a lembrarmos dos momentos difíceis, amargos, traumatizantes, etc. Em cada momento lembrado, era pedido que visualizássemos Cristo conosco e que liberássemos perdão para as pessoas envolvidas.

2. *Devíamos escolher um parceiro para o qual deveríamos confessar nossas dores.* O preletor ofereceu um tempo para cada um confessar ao outro, e, ao final, o ouvinte orava, conforme o modelo do preletor, declarando a cura sobre este irmão, e vice-versa.

Após isso, foi ministrada a unção com óleo em cada participante. Quase todos os participantes caíram. O fenômeno do cai-cai se instalou. Eu particularmente não deixei que o preletor me ungisse com óleo.

Após isso, todos em prantos, abraçando-se e consolando-se, foi pedido que voltássemos aos lugares, onde foi ministrada mais uma palestra sobre a Cruz de Cristo. Mais uma vez uma música de adoração tocou, as cadeiras foram novamente afastadas, e foi pedido que visualizássemos a vida de Jesus, desde o seu nascimento, apresentação no templo, crescimento, seu ministério de cura e libertação, sua paixão, sua traição, seu sofrimento vicário, os insultos, as chicotadas, os açoites, a dor de levar a cruz, a crucificação.

Foi pedido que nos víssemos no meio da multidão que assistia a tudo, e ouvíssemos Jesus dizer que não foram os romanos e nem os judeus que o tinham crucificado, mas o fato d'Ele estar ali era por causa dos nossos pecados.

Presenciávamos o grito do Salvador, a rendição do espírito, a multidão retirando-se, nós nos retirávamos também. Ficamos

sabendo que Jesus havia ressuscitado. Foi pedido para que nos colocássemos debaixo da cruz para sentirmos o sangue de Cristo caindo sobre nós. Ressuscitamos com Cristo, a morte e o pecado não têm mais domínio sobre nós. Após esse momento, bradamos com gritos de vitória e abraçamo-nos unos aos outros.

3. *Após tudo isso*, o preletor pediu que pegássemos um pedaço de papel e escrevêssemos tudo o que o Espírito Santo nos lembrasse de ruim: pecados, traumas, etc. Além disso, foi pedido para reunir todo e qualquer objeto que tivesse algum símbolo da Nova Era, ou outros objetos quaisquer que poderiam lembrar situações ruins ou que se relacionassem com práticas ilícitas.

Nesta hora, fomos liberados para ir ao dormitório. Ao voltarmos, fomos separados em grupos de doze e, de mãos dadas, fomos até uma grande fogueira onde lançamos tudo. Ao lançar os objetos e o pedaço de papel, bradamos em alta voz: "Estão anulados todos os argumentos sobre minha vida".

Confesso, irmãos, que, apesar de participar destes eventos, estava convicto de que nada disso era maior que a Cruz de Cristo em minha vida. Não confessei nada a ninguém, não fiz regressão e não escrevi nada no papel e muito menos queimei algum objeto. Simulei a minha participação para não provocar nenhum problema. Depois disso tudo, já era quase uma hora da manhã, fomos jantar e dormir.

Como isso havia acontecido no sábado de manhã, assim também foi no domingo. Fomos direto para o auditório assistir à sexta palestra, que foi sobre estilos de oração e a nova vida em Cristo. Interpelei o preletor, que era um dos pastores de minha igreja, e disse a ele que estava muito preocupado com o que fora ministrado no sábado, em relação à Libertação e Cura Interior, e

que gostaria de conversar detalhadamente, depois, sobre o assunto. Depois, fomos tomar café da manhã, por volta de nove e trinta.

(...) A última palestra foi sobre Batismo no Espírito Santo. O preletor discorreu sobre os propósitos do batismo no Espírito Santo, sobre os resultados, sobre as condições para recebê-lo, sobre as evidências, e sobre a necessidade de ser cheio do Espírito. Após isso, começou o leilão do batismo. Este preletor era do tipo que empurrava a testa, ocasionando várias quedas. Dessa vez, eu também não caí, graças a Deus, apesar de ter sido empurrado duas vezes.

Para finalizar, após a palestra, ficamos no auditório, onde um momento surpresa nos esperava. Foi pedido que nos deitássemos com os olhos fechados. À medida que éramos chamados pelo nome, levantávamos uma das mãos e recebíamos ao lado de nosso corpo um objeto. Quando todos receberam esse objeto, foi pedido que abríssemos os olhos e verificássemos o conteúdo.

Foi, para mim, o melhor momento deste retiro. O objeto, um envelope, continha bombons e vários cartões e fotografias enviadas pela minha esposa. Ela não economizou, escreveu muitos cartões. Ela montou um álbum com fotos de diversos momentos de nossa vida, tais como namoro, noivado, e casamento. Foi um momento de grande quebrantamento. Neste momento, foi liberada a comunicação interpessoal e todos se abraçaram e se confraternizaram.

Como podemos ver, muitas coisas boas aconteceram neste retiro. Não há dúvida que muitos de seus aspectos são inéditos. Agora, nem por isso, devemos fechar nossos olhos às práticas

estranhas ao Cristianismo que foram ministradas juntamente com as coisas boas.

Resumindo o que aconteceu neste Encontro, eu diria que ele tem três principais objetivos: Quebra de Maldições (Libertação), Cura Interior e Batismo no Espírito Santo. Todos esses assuntos já foram abordados e bem discutidos em diversos livros e palestras. São temas que apresentam muita controvérsia. Cabe a cada um avaliar cada um desses temas, julgando-os à luz da Palavra de Deus.

Eu, particularmente, não concordo com nenhuma das abordagens ministradas no Encontro. Creio ser uma forma muito sutil de negar a Cruz de Cristo, sem falar na perigosa administração da terapia de regressão por pessoas não qualificadas para tal. Como isso é apenas um relato de minha experiência, não vou entrar em maiores detalhes quanto à minha opinião.

É importante esclarecer, também, que, durante todos estes dias de retiro, fomos bombardeados com a frase : "O Encontro é Tremendo". As músicas "Eu quero é Deus", "Na casa de meu Pai há unção e há poder", "Aquele que está feliz diga amém", e "Gracias Señor" foram exaustivamente tocadas. Os momentos de louvor eram altamente agitados, com pulos, danças aeróbicas, trenzinhos, os principais incentivadores eram os preletores e os irmãos da equipe de apoio.

O culto na igreja, realizado no mesmo dia do retorno do retiro, foi marcado por manifestações de euforia que chegam a passar dos limites da racionalidade. Gritos, pulos, danças aeróbicas, assovios, fazem parte da expressão de todos os que participaram deste Encontro.

As pessoas que ali estavam, tanto membros da igreja como visitantes ficavam sem entender o que estava acontecendo. Os Pastores esforçavam-se, no púlpito, para explicar o fato, dizendo: "estes irmãos tiveram um encontro face a face com Deus". A liturgia normal foi substituída pelos testemunhos dos participantes do Encontro. Alguns, escandalizados, se retiraram."

Há um ditado interessante que diz: "Contra fatos não há argumentos".

Sabemos que a Palavra de Deus anuncia que o homem nascido de novo não precisa realizar a cura interior. Leia o que diz 2Corintios 5.17 e Apocalipse 1.5:

> *"Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo."*
>
> *"E da parte de Jesus Cristo, que é a fiel testemunha, o primogênito dos mortos e o príncipe dos reis da terra. Àquele que nos ama, e em seu sangue nos lavou dos nossos pecados".*

Se somos novas criaturas, as coisas velhas já passaram e o sangue de Jesus nos lavou de todos os nossos pecados. Se forem os pecados que habitam a velha criatura que nos trazem as feridas, através da cruz de Cristo estamos curados!

Dizer que necessitamos fazer cura interior é o mesmo que afirmar que a cruz de Cristo é ineficiente. No entanto, há pessoas, e não poucas, que não querem sofrer. Desejam levar uma vida cristã sem sofrimento, sem problemas, e inventam coisas como essas para driblar o que ensina claramente a Bíblia.

Ora, podemos dizer que o apóstolo Paulo insistia em pecar,

ao ponto de ficar enfermo? Será que aquele homem que foi arrebatado ao terceiro céu não sabia (pois não escreveu nada sobre) que a cura interior era necessária? Que grande besteira!

Paulo afirmou ter uma enfermidade; Paulo afirmou que Timóteo também tinha uma doença estomacal; Pedro falou dos sofrimentos por que passou, e nenhum desses homens adotou a cura interior para se livrar de traumas, sofrimentos e feridas interiores, na alma.

O que eles nos ensinam é que todo esse sofrimento e problemas pelos quais os cristãos passam após a conversão têm uma finalidade: fazer-nos participantes da glória e da graça de Deus:

> *"E sabemos que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto."* (Rm 8.28)

> *"Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo; para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e alegreis. Se pelo nome de Cristo sois vituperados, bem-aventurados sois, porque sobre vós repousa o Espírito da glória de Deus."* (1Pe 4.12-14)

Um pastor brasileiro que reside e trabalha nos EUA, com quem conversei há algumas semanas, fez-me a seguinte afirmação: Estudei psicologia na faculdade e utilizo as técnicas que aprendi em membros da minha igreja. Não vejo nenhum problema nisso, já que essas técnicas me ajudam a identificar traumas antigos de que as pessoas não se lembram mais".

Essa afirmação é o bastante para entendermos o que é a cura interior e outros anexos a ela. Está claro que é uma técnica secular, usada por psicólogos. Nada tem a ver com a ministração da Palavra de Deus. Pode até ser que, após isso, o pastor ministre a Palavra, mas o que sabemos por experiência é que a própria Palavra de Deus, ao ser ministrada debaixo da unção do Espírito Santo, por si mesma fará toda cura necessária.

Não são necessárias as técnicas da psicologia. Não cremos que a obra é do Espírito Santo?

Maria Madalena, a mulher apanhada no ato do adultério, quando foi levada a Jesus, não passou por uma sessão de cura interior. Ora, ela estava sendo comparada a uma prostituta, se é que não o era efetivamente! Quem mais necessita de cura que uma pessoa que precisa vender seu corpo pela sobrevivência?

Jesus questionou-a sobre seu presente: "*Onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou*" (Jo 8.10) Ela disse que ninguém a havia acusado, ao que Jesus respondeu: "*Nem eu também te condeno; vai-te, e não peques mais.*"

Ele a aconselhou e a despediu. Aconselhou-a a não pecar mais e dispensou a mulher para que fosse crescer espiritualmente. Não ficou questionando-a sobre pessoas com quem havia tido relação, se cobrava muito ou pouco, se tinha prazer, entre outras coisas.

Ele aconselhou-a e despediu-a porque estava lidando com uma nova criatura, e as coisas velhas já haviam passado: eis que tudo se fez novo.

Quebra de Maldições

Algum tempo após minha conversão, assisti a um culto em uma missão, aqui em São Paulo. Lá, em certo momento do culto, deram-me um calhamaço de papel, com 13 folhas. As folhas continham um imenso questionário sobre minha vida passada, sobre meu envolvimento com ocultismo, esoterismo, espiritismo, budismo e outros tantos ismos.

Em seguida, disseram-nos que escrevêssemos sobre todo tipo de envolvimento de que nos lembrássemos num papel, para depois fazermos a quebra das maldições.

A quebra de maldições e a cura interior chegaram ao Brasil juntas, na mesma época, no mesmo pacote. Há um grande número de ministérios e líderes que a adotam a quebra de maldições como prática normal, ensinando livremente nos púlpitos de suas igrejas.

Eles chegam a usar diversos textos bíblicos para afirmarem suas posições. Talvez você faça parte de uma dessas igrejas, ou já tenha lido algo sobre o assunto, ou até mesmo já tenha participado de uma sessão de quebra de maldições.

Ela, a quebra de maldições, também tem feito parte de alguns dos encontros realizados no Brasil. Na Colômbia, isso não é prática comum. O encontro foi adaptado para o Brasil por dois líderes que já praticavam a quebra de maldições em suas igrejas.

Mas fica a pergunta, afinal: a quebra de maldição é bíblica ou não? Veja o que costumo ensinar em meus seminários.

Um dos textos mais usados para afirmar a necessidade da quebra de maldições hereditárias é Deuteronômio 5.9, que diz:

"Não te encurvarás a elas, nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais sobre os filhos até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem".

Assim, quando alguém é idólatra ou comete outro tipo de pecado, no caso de outras maldições anunciadas no Pentateuco, Deus afirma que essa pessoa é maldita. Afirma o Senhor, ainda, que visita a maldade dos pais sobre os filhos até à terceira e quarta geração daqueles que o aborrecem.

Assim, se o seu bisavô foi idólatra, feiticeiro ou espírita, certamente – segundo os adeptos da quebra de maldição hereditária afirmam – você precisa fazer a quebra de maldições.

No entanto, não basta apresentar versículos bíblicos com interpretação particular e parcial para convencer-nos de que se trata de uma doutrina genuinamente bíblica. É preciso considerar outros textos!

Um desses textos, ainda no Antigo Testamento, é Ezequiel 18.20, que diz: *"A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniqüidade do pai, nem o pai levará a iniqüidade do filho. A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele*".

Em outras palavras, se meu bisavô, ou meu tataravô, ou algum parente meu que viveu anteriormente a eles, ou até mesmo meu pai, tiveram problemas com o Senhor, foram idólatras, feiticeiros, macumbeiros ou seguiram outra religião que ofendesse ao Senhor, isso não tem absolutamente nenhum poder sobre minha vida a partir do momento em que eu aceito a Cristo como meu único e suficiente Salvador: *"o filho não levará a iniqüidade do pai"*.

A quebra da maldição, nesse caso, ocorre quando eu aceito o sacrifício de Cristo:

> *"Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro, Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo, e para que pela fé nós recebamos a promessa do Espírito."* (Gl 3.13, 14).

Há muitos outros textos que apontam para a quebra de maldição na cruz de Cristo (Cl 2.14-15, Rm 6.6-7, 2Co 5.17, João 8.36, entre outros). Mas um texto bem contundente, que foi proferido por Jesus, é João 9.1-3, que diz:

> *"E, passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus."*

Muito claro, o texto afirma que o cego não necessitaria fazer quebra de maldição. Aquele problema que o afligia não era resultado, como também entendiam as pessoas que fizeram a pergunta a Jesus, de práticas realizadas pelos pais daquele cego.

Assim também é conosco. Nem tudo o que nos acontece de ruim é causado por coisas do passado. Precisamos entender que a maior maldição é a perda da salvação. Aliás, é curioso que a única vez em que Jesus chamou alguém de maldito foi referindo-se aquelas pessoas que, no final dos tempos, não terão mais

oportunidade de salvar-se (Mateus 25.41). Jamais ele usou o termo maldito referindo-se a pessoas que viviam com Ele ou que passaram por sua vida. Interessante, não acha? Será que Jesus não entendia nada sobre quebra de maldição hereditária?

O livro de Deuteronônio aponta a causa da maldição como sendo a desobediência a Deus. Quem não obedece está sujeito às maldições descritas no livro, em textos como Deuteronômio 28.15-68.

Mas, no mesmo livro, Moisés dá a receita para receber todas as bênçãos de Deus: a conversão, o arrependimento. Leia:

> *"E será que, se ouvires a voz do Senhor teu Deus, tendo cuidado de guardar todos os seus mandamentos que eu te ordeno hoje, o Senhor teu Deus te exaltará sobre todas as nações da terra."* (Dt 28.1)

> *"E o Senhor te porá por cabeça, e não por cauda, e só estarás em cima, e não debaixo, quando obedeceres aos mandamentos do Senhor teu Deus, que hoje te ordeno, para os guardar e fazer."* (Dt 28.13)

> *"E será que sobrevindo-te todas estas coisas, a bênção ou a maldição, que tenho posto diante de ti, e te recordares delas entre todas as nações, para onde te lançar o Senhor teu Deus, e te converteres ao Senhor teu Deus."* (Dt 30.1 e 2)

Seria difícil encarar essa ênfase na conversão e obediência ao Senhor? Não há quebra de maldições mais eficaz que obedecer ao Criador e abandonar as práticas antigas, sem ter a necessidade de lembrar-nos delas no decorrer de nossas vidas.

O Salmo 91 anuncia que aquele que habita no esconderijo do altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Quando obedecemos a Deus, sua mão é estendida sobre nós. Maldito é aquele que desobedece e permite que as potestades do ar caiam sobre sua vida, porque a desobediência retirou a mão de Deus de sobre sua vida.

CONCLUSÃO

Sempre fui um observador das pessoas. Gosto de ver como se comportam, como reagem, como mudam de atitude e, até mesmo, de opinião diante de certas circunstâncias.

De modo geral, o ser humano ou é mais prudente, moderado, ou é ansioso, inquieto. Isso é óbvio; não é novidade alguma e nem é necessário estudar ou gastar tempo observando as pessoas para descobrir isso.

Assim, vejo que os moderados o são porque têm segurança em alguma coisa. No nosso caso, os moderados estão seguros no ensino da Palavra de Deus, têm convicção daquilo que aprenderam, e sentem segurança nisso.

No entanto, há pessoas que querem destacar-se, querem aparecer, querem projetar sua imagem e conseguir alcançar picos elevados no meio em que vivem. Por causa dessa ansiedade, passam horas, dias e meses pensando em uma ação, um projeto, uma atividade que as alçará a esse lugar de destaque.

O resultado são as inovações que acontecem, e isso se dá em todos os círculos sociais, profissionais e, até mesmo, religiosos.

Contudo, em nossos círculos religiosos tratamos de valores eternos. Por isso é tão perigoso criar certos mecanismos, certos modismos, que mudarão o comportamento de todo um grupo. Há muitas dessas invenções que podem ser muito bem aproveitadas; outras não.

Algumas denominações, até pouco tempo, consideravam a televisão um equipamento diabólico, satânico. Hoje as mesmas denominações têm redes de tevê e rádio. O que é isso?

Vejo um outro problema que diz respeito ao estabelecimento do G12 no Brasil. É o problema da "liderança acomodada".

Há igrejas pastoreadas por líderes que têm casa, salário e uma vida estável por conta da fé. Quando surge um movimento como esse, que pretende pulverizar a liderança em pequenos grupos, tais líderes sentem-se ameaçados. Ora, estou certo de que a preocupação de tais líderes nem é tanto com a doutrina que acompanha o movimento, mas com a possível mudança e incômodo que pode causar na sua situação estável.

A Bíblia delega autoridade ao Pastor. Segundo alguns textos, ele, o Pastor, é o responsável direto pela alma e dela dará conta a Deus. Isso é sério!

A mesma Bíblia ensina aos membros que respeitem e obedeçam em tudo a seus pastores. Isso é com os membros, e comigo também, porque tenho um Pastor acima de mim.

O G12 propõe que a liderança aconteça em pequenos grupos e que todos eles sejam submissos ao Pastor que originalmente liderava e apascentava a igreja. Tenho visto e lido que o G12 não

pretende arrancar o cajado da mão do Pastor a fim de reparti-lo entre doze ou cento e quarenta e quatro novos pastores.

Nos manuais ensinam que, ao menos uma vez por semana, todos os membros das células devam se reunir na igreja para a chamada celebração, e esta é conduzida pelo Pastor. Então, se em alguma igreja a prática é diferente disso que acabei de dizer, é porque houve distorção e não estão fazendo conforme o propósito original.

Todavia, vejo, também, que muitos pastores têm atacado o modelo simplesmente porque não trabalham na evangelização há anos e, pela insegurança da própria falta de capacidade, não treinam, não preparam obreiros e, por isso, não delegam poderes.

Ora, o maior exemplo de delegação de poder foi dado pelo próprio Cristo, tanto na época em que teve Seu ministério, quanto depois de subir ao céu. Ele treinou e delegou poder a doze e depois a setenta, e, após a ascensão ao céu, fez novamente isso:

> *"E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo"* (Ef 4.11 e 12).

Assim, é bom que façamos uma análise sobre o estado espiritual de nossas igrejas e líderes. A vinda de um problema ou uma ameaça é saudável para que avaliemos a situação em que todos nos encontramos.

Como vimos, há pontos interessantes e bíblicos nesse movimento. Há, também, absurdos e heresias nojentas infestando aquilo que é perfeitamente aceitável.

Sobre os que criticam, há os que querem se promover com o assunto, há os preocupados com o conforto e há quem se interesse pelo equilíbrio, pela moderação.

Com certeza, a Igreja que prevalecerá contra as portas e os ataques do inferno não tombará por causa de um vento de doutrina. A Igreja, da qual fazemos parte, vitoriosa, vigorosa e que aguarda o seu Noivo, essa passará por águas e por labaredas, mas não será afogada nem chama alguma arderá nela.

Que o Criador oriente a abençoe a todos nós em Cristo Jesus!

BIOGRAFIA

MAGNO PAGANELLI é natural de Araçatuba, interior do Estado de São Paulo.

Cresceu na capital, onde iniciou seus estudos e, aos 15 anos de idade, teve os primeiros contatos com drogas leves, vindo a se tornar um viciado em cocaína anos mais tarde, na época em que concluiu o Curso Técnico em Publicidade.

Com as drogas vieram também as atitudes agressivas e criminosas, o que comprometeu sua vida profissional e familiar. Após tentar o suicídio por algumas vezes, Magno Paganelli esbarrou em uma revelação profética de Deus que relatava toda a sua vida e, principalmente, pensamentos íntimos que ele mantinha consigo. Isso aconteceu em um culto doméstico no bairro do Bom Retiro, em São Paulo, em agosto de 1991, quando já tinha 24 anos.

Liberto imediatamente das drogas, por intermédio da oração feita por uma missionária, Magno Paganelli iniciou sua busca por se aperfeiçoar na fé em Cristo.

Desde os primeiros meses de sua vida cristã, dispunha-se a servir a Deus, cooperando em um programa de rádio mantido pelo grupo de evangelismo de uma missão parceira da igreja que frequentava. Aos onze meses de sua nova vida, Magno Paganelli fez sua primeira viagem acompanhando um grupo de missionários.

Seus artigos são publicados em websites, jornais e revistas de vários estados do Brasil, Estados Unidos, Canadá, África do Sul e Japão, alcançando milhares de leitores por mês. Também tem marcado presença em programas de rádio e televisão.

Sua carreira como escritor tem alcançado até mesmo o público secular. Seu livro *Ciência e Fatos Bíblicos* foi adotado como livro texto na 6ª série em uma escola de ensino fundamental e também em uma escola para deficientes e será, em 2004, relançado com acréscimos e atualizações pela Editora Dynamus.

Foi o primeiro autor a publicar um livro digital sobre comportamento e religião na América Latina e o primeiro autor evangélico a publicar um e-book exclusivamente em formato digital (para a Internet).

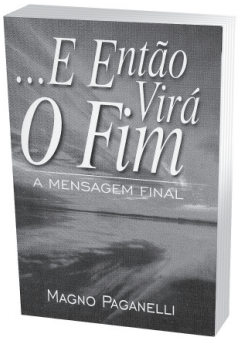
Na área editorial, coordenou a publicação de dezenas de livros (incluindo livros premiados). É autor de mais de 20 livros em diversas áreas e também atua como *ghostwriter*, produzindo textos e livros para palestrantes nacionais e internacionais.

Atua no segmento editorial à frente de uma empresa de prestação de serviços para editoras cristãs. Também dirige a Arte Editorial, editora que publica livros dirigidos a orientação de membros e liderança de grupos dentro das igrejas.

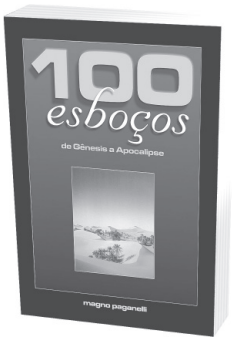
É casado com Roseli Paganelli, que o auxilia no ministério como pastor auxiliar de aproximadamente duzentos e cinquenta

jovens e também atua na área do ensino para leigos na Assembléia de Deus - Bom Retiro.

DO MESMO AUTOR



"E Então Virá o Fim" (Escatologia)
• Os sinais da volta de Cristo:
– sinais no Sol, na Lua e nas estrelas, alterações nos mares, degelo polar, camada de ozônio e efeito estufa são fatos publicados pela imprensa moderna, e que confirmam e dão nova perspectiva às profecias bíblicas. É bastante didático e interessa à todos os grupos da igreja.
Prêmio ABEC como Autor Revelação.



"100 Esboços de Gênesis a Apocalipse"
Em cada um dos cem esboços, o leitor encontrará Título e o 'Objetivo' da mensagem, isto é, qual o propósito a que ela se destina. No decorrer do próprio esboço o leitor sentirá a diferença, quando notar comentários sobre o texto lido ou sobre o assunto a ser desenvolvido. Esses comentários são mais explicativos, e proporcionam maior clareza ao futuro ouvinte. Por fim, o tópico de ajuda 'Apelo' o auxiliará na conclusão da sua exposição da mensagem. Contém, ainda, 6 estudos bíblicos adicionais.



"SOCORRO, Minha Igreja se Dividiu"
(Discipulado/Igreja)
Baseado na experiência pessoal do autor, apresenta as principais causa de divisões dentro das igrejas evangélicas. Propõe, ainda, planos de ação que, uma vez aplicados, podem solucionar esse problema que atinge muitas igrejas brasileiras.
É um verdadeiro manual de serviço e evangelização.



O download do ebook "Conhecedores do Bem e do Mal" pode ser feito GRATUITAMENTE em www.magnopaganelli.com ou no site da editora, www.arteeditorial.com.br

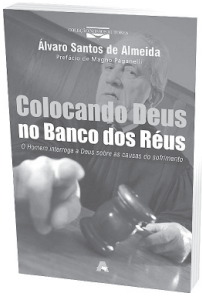
DESTA EDITORA



O Livro dos Diáconos
As sinagogas empregavam vários diáconos no serviço diário; o governo eclesiástico e o diácono; o diácono e a diaconisa no pensamento de Paulo; as altas exigências espirituais ao candidato ao ofício; a instituição do diaconato conforme Atos 6; o perfil dos sete primeiros diáconos.

Esses assuntos são abordados neste livro indispensável para você que atua no ministério ou tem interesse em aprofundar-se no tema do serviço cristão.

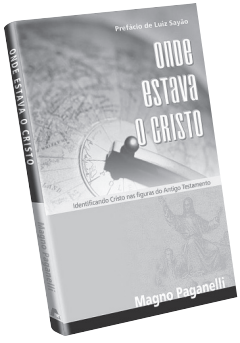
12 x 17 cm; 112 p.



Colocando Deus no Banco dos Réus - Álvaro Santos de Almeida
Por que o tratamento que Deus reserva aos Seus filhos por vezes implica em permitir-lhes sofrer? O senso de justiça de Deus leva em conta nossa história ou somente o que Ele considera justo? Por que às vezes, quando tudo parece caminhar para um final feliz, Deus intervém para mudar o rumo das coisas? A questão do sofrimento acompanha o homem há muito tempo. Aqueles que têm interesse no assunto não se consideram satisfeitos com qualquer resposta. Nisto reside um dos valores deste livro: ele é fruto de questionamentos feitos pelo autor no que diz respeito ao seu sofrimento pessoal. 14 x 21 cm; 112 p.



A Oração a que Deus Responde - Magno Paganelli
Quais as implicações da oração ensinada por Jesus? O Pai Nosso é um modelo de oração a ser adaptada às nossas necessidades, e não apenas para ser repetido. Ele revela a possibilidade de um relacionamento intenso e conduz-nos a maior aproximação a Deus. Um excelente auxílio a quem deseja permanecer mais tempo na presença do Senhor. 14 x 21cm; 88 p.



Onde Estava o Cristo - Magno Paganelli
Este é um estudo criterioso de como Cristo e sua obra são prefigurados no Antigo Testamento, que deixa nítido o elo entre ambas as Alianças. Você verá o plano de salvação de maneira completamente nova.
"Trata-se de uma obra de perfil teológico, que merece celebração maior, pois trata-se de um tipo de literatura muito mais difícil de se produzir. A abordagem dessa obra é clássica e faz coro aos estudos tipológicos históricos da tradição cristã evangélica." *Luiz Sayão.* 14 x 21 cm; 150 p.

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

O Treinamento dos Doze - A. B. Bruce

Como nunca antes na história do ministério cristão, o servo de Jesus Cristo está constantemente enfrentando o problema de como produzir outros servos iguais a si e de como multiplicar seus esforços para levar à nossa crescente população mundial o evangelho de Jesus Cristo. Este livro, como poucos, fornece as diretrizes básicas, tanto práticas como teológicas, para o homem de Deus no trabalho com seu rebanho. Todo pastor sabe como é frustrante ver lá fora um mundo caído, e muitas vezes hostil, e sentir suas persistentes limitações para enfrentar essas necessidades. Sem dúvida, uma parte da resposta a essa frustração é o talento para realizar coisas por meio de outras pessoas. Foi exatamente isso que Jesus fez com seus apóstolos. O padrão e os princípios sempre válidos desse esforço da parte de nosso Senhor são tirados das Sagradas Escrituras para nos guiar nos dias em que vivemos.

O valor dessa obra é ainda maior hoje em dia, quando tantos obreiros cristãos estão se envolvendo com Administração. Pela primeira vez na história da Igreja, técnicas e princípios da administração moderna estão sendo estudados para sua aplicação na igreja local, na obra missionária e em vários tipos de organizações cristãs. No meio desse surto de interesse nas técnicas e ferramentas da administração, é cada vez mais importante que tenhamos bem firmes em nosso entendimento os princípios de administração sempre válidos empregados por nosso Senhor em seu relacionamento com seus apóstolos.

É difícil estimar o valor do ensino de Bruce para o jovem pastor, aquele está começando o seu ministério.

LANÇAMENTO EM FEVEREIRO DE 2005

Devocional do Adorador - Leituras diárias

LANÇAMENTO EM SETEMBRO DE 2004

Conselhos para Obreiros - C. H. Spurgeon

LANÇAMENTO EM SETEMBRO DE 2004

PEDIDOS

Faça seus pedidos diretamente na Distribuidora Candeia (11) 5612-7799,
ou por e-mail, compras@candeia.com.br
Visite o site www.arteeditorial.com.br